

## SIMPÓSIO AT002

### #ANÁLISELINGUÍSTIC@: O ENSINO REFLEXIVO SOBRE O TEXTO MULTISSEMIÓTICO

RUIZ, Eliana Maria Severino Donoia  
Universidade Estadual de Londrina - UEL  
elianaruz@uel.br

**Resumo:** Tendo em vista a forte influência, no cenário contemporâneo, das tecnologias digitais sobre as práticas comunicativas, e o impacto, na educação, da multimodalidade textual nas práticas de ensino de leitura e de escrita, pretendemos discutir o ensino reflexivo do português como língua materna, a que se tem chamado *análise linguística*. Se, em sua origem, o termo fazia referência a determinada prática de ensino da língua e, ao longo do tempo, foi adquirindo novas conotações, devido ao alcance de reflexões teórico-metodológicas sobre o que se tornou um eixo de ensino da língua na educação básica brasileira, parece-nos possível indagar acerca de seu estatuto no atual contexto de hibridização textual. Para tanto, tomam-se como base contribuições teóricas advindas da Análise de Discurso francesa e de trabalhos em Linguística Aplicada voltados à prática do ensino reflexivo da linguagem, à didatização dos gêneros discursivos, à multimodalidade e aos multiletramentos. A partir de demandas interpretativas postas pela conjugação de diferentes semioses articuladas em um *meme*, perguntamos: numa educação responsiva à contemporaneidade deverá haver uma *análise linguístic@* para textos multissemióticos?

**Palavras-chave:** análise linguística; multimodalidade; ensino de língua portuguesa.

**Abstract:** Considering the strong influence of digital technologies, in the contemporary scenario, on communicative practices and the impact, in education, of textual multimodality in reading and writing teaching practices, we intend to discuss the reflective teaching of Portuguese as the mother tongue, which has been called *linguistic analysis*. If, in its origin, the term referred to a certain practice of teaching the language and, over time, it acquired new connotations, due to the scope of theoretical-methodological reflections on what became an axis of language teaching in Brazilian basic education, it seems to us possible to inquire about its statut in the current context of textual hybridization. To do so, we based on theoretical contributions coming from French Discourse Analysis and from works in Applied Linguistics focused on the practice of reflective language teaching, on the didatization of discursive genres, on the multimodality, and on the multiliteracies. And from the interpretative demands put by the conjugation of different semiosis articulated in a meme, we asked: in an education responsive to contemporaneity should there be a linguistic @analysis for multisemiotic texts?

**Keywords:** linguistic analysis; multimodality; Portuguese language teaching.

#### Introdução



Vivemos em tempos de linguagens líquidas. Como consequência desse universo em que cada vez mais se observa a hibridização na linguagem, a palavra de ordem é *multimodalidade*. Não é sem razão que Brait (2013) denomina *dimensão verbo-visual de um enunciado* aquela em que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, não podendo ser separadas, sob pena de se mutilar a significação. Assim, na era do verbo-visual, os conceitos de escrita e de leitura precisam ser revisitados, assim como as práticas pedagógicas que lhe são decorrentes (DIONÍSIO, 2011). Na expectativa de contribuir com as práticas escolares de multiletramento na cibercultura, este trabalho visa provocar uma discussão acerca do que se tornou um eixo de ensino da língua na educação básica brasileira: o ensino reflexivo a que se tem chamado *análise linguística* (doravante AL). A partir da análise de um texto verbo-visual na perspectiva da leitura, procuraremos mostrar que talvez necessite ser redimensionada a AL de que dispomos, aqui entendida como alternativa metodológica de ensino.

## 1. A análise linguística na academia e no ensino de língua no Brasil

É em *O texto na sala de aula*, que Geraldi (1984) vai empregar a expressão *análise linguística*, para fazer referência à prática metodológica de reflexão sobre a língua, integrando-o às práticas de leitura e de produção textual na escola. Suas contribuições repercutiram sobremaneira no trabalho de vários pesquisadores do campo da Língua Aplicada (PERFEITO, 2005 e MENDONÇA, 2006, são alguns exemplos).

Entretanto, se a concepção do conceito na academia teve um percurso marcado por adaptações (BEZERRA; REINALDO, 2013), não poderia ser diferente no contexto escolar brasileiro, onde parece não ter encontrado, após mais de três décadas de existência, o merecido eco. Tal situação mostra-se reforçada pela deriva em que quase sempre se encontraram, em nossas escolas, os chamados *módulos* (lugar privilegiado da reflexão linguística), isto é, o grande desafio componente da *sequência didática* proposta pelos didaticistas de Genebra (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

Também têm-se mostrado preocupante tanto a compreensão teórica quanto a aplicação prática do conceito de AL, no contexto de formação em Letras, revelando uma instabilidade quanto a esse saber a ensinar. O conhecimento científico sobre a AL parece ainda não ter se consolidado nos graduandos, dada a coexistência de perspectivas tradicionais e inovadoras nos componentes curriculares, favorecendo movimentos de prospecção e retroação (DUTRA, 2013; ARAÚJO; SOUSA, 2014; ROHLING; REMENCHE, 2015).

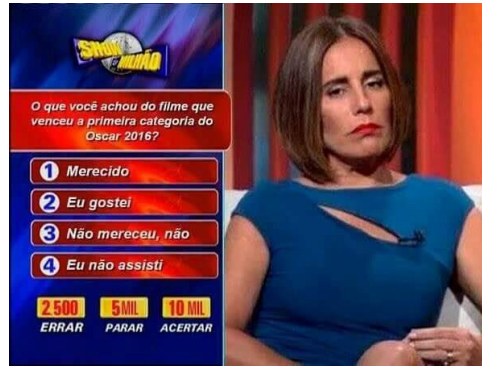
Não se observa, a par disso, nos livros didáticos de Língua Portuguesa, um vetor que aponte na direção de um ensino linguístico reflexivo autêntico, já que ali permanecem as mesmas categorias tradicionais: classes de palavras, funções sintáticas e normatizações referentes ao padrão culto da língua.

Assim, no que diz respeito a textos de natureza verbal, há fortes razões para pensarmos que ainda não se efetivou nem a compreensão teórica do trabalho metodológico reflexivo pela via da AL nem seu domínio prático pela maioria dos professores de Língua Portuguesa do país. Resta saber, então, o que dizer da AL de textos multimodais de gêneros emergentes, cujo suporte esteja atrelado à tecnologia digital. A questão que se nos impõe, portanto, é a de saber de quais categorias o professor pode se valer, para dar conta da AL de textos de natureza híbrida, seja em caráter prospectivo, quando a leitura prepara a produção, permitindo que os alunos se apropriem de recursos e estratégias discursivas que possam compor seu rol de conhecimentos linguísticos, seja em caráter retrospectivo, quando o texto produzido pelo aluno é retomado para novas edições.

Com o objetivo de iniciar essa discussão, apresentamos uma proposta de AL de um texto verbo-visual focada na leitura.

## 2. A análise linguística do texto multissemiótico

O texto que selecionamos para este exercício de AL é do gênero *meme* e circulou nas redes sociais por ocasião 88ª edição do Oscar:



Fonte: <<http://aconteceunovale.com.br/portal/?p=80404>>. Acesso em: 30 maio. 2019.

Trata-se de uma crítica criativa e bem-humorada ao desempenho da atriz Gloria Pires, escalada pela TV Globo para comentar, ao lado de jornalistas, a premiação do Oscar 2016, durante sua transmissão. Gloria proferia comentários objetivos, porém excessivamente lacônicos: "Bacana", "Concordo", "Médio", "Acessível". Sua postura gerou polêmica, afinal, como participante de um programa televisivo ao vivo, com cobertura exclusiva para todo o Brasil, a expectativa era de que as opiniões fossem fundamentadas em enunciados minimamente desenvolvidos. Entretanto, suas observações espontâneas, desprovidas de análise, como esperado para a posição-sujeito que ocupava, acabaram causando críticas e uma onda gigante de *memes*.

Para ser interpretado, o *meme* em análise demanda muitas inferências por parte do leitor, por agregar verbo e imagem. O texto é construído imitando uma tela de TV do extinto programa *Show do Milhão*, captada no momento exato da proposta da pergunta ao candidato ao prêmio: do lado esquerdo da imagem, aparecem a pergunta-desafio e as alternativas de resposta; do direito, a cena do candidato em postura reflexiva. O ponto fulcral que ora nos mobiliza é a impossibilidade de compreendermos o texto verbal sem recorrermos às imagens que concorrem para a construção dos sentidos. De modo que o desafio posto ao professor, nessa atividade de leitura, é o de proceder a uma análise linguística que mostre o necessário diálogo instaurado entre os

<sup>1</sup> O que você achou do filme que venceu a primeira categoria do Oscar 2016? 1 Merecido. 2 Eu gostei. 3 Não mereceu, não. 4 Eu não assisti.

enunciados verbais e os não verbais. Ou seja, como compreender a referência dos dêiticos *você* e *eu*, neste meme, sem considerar esse diálogo?

Se, a título de exercício, fizemos um corte no meio do texto, no sentido vertical, e subtraímos a foto da atriz, teríamos, certamente, um novo texto. Porém, se descartarmos também as imagens alusivas ao programa Show do Milhão, descontextualizando por completo os enunciados verbais (ver nota 1), teríamos, ainda, outro texto e novos sentidos: uma pergunta seguida de um conjunto de possíveis respostas, ou seja, um teste de múltipla escolha. Nessa redução textual, o referente de *você*, na pergunta, assim como o referente de *eu*, nas alternativas, poderia ser interpretado como sendo o leitor. Entretanto, por não sabermos de que teste se trata, nem quem o está propondo, para quem ou por que, o texto, por ter sido formalmente amputado, não oferece pista alguma sobre suas condições de produção e restaria, pois, sem sentido.

Para uma mínima coerência da versão do texto abstraído da imagem da atriz, seria fundamental mantermos tanto a imagem do logo do Show do Milhão (no fundo azul à esquerda) quanto o *layout* dos enunciados verbais (os retângulos em vermelho); ou seja, o diálogo verbo-imagético que aí se processa. Entre os sentidos possíveis de serem atribuídos ao texto assim formatado, parece-nos estar o de se tratar de uma provocação ao leitor que estivesse em condições de compreender a transferência de posição enunciativa aí proposta. A pergunta feita à atriz no programa do Oscar passaria, num golpe de ficção, a ser endereçada ao leitor que o assistiu, reavivando sua memória discursiva e colocando-o falsamente na cena enunciativa criada, a fim de lhe sugerir algo do tipo: “O que você faria se estivesse no lugar dela (Gloria Pires) no Oscar? Seria honesto e humilde? Pagaria esse mico, queimando seu filme? Ou nem se prestaria a esse papel?”.

Tal possibilidade interpretativa, entretanto, não dá conta, em absoluto, da crítica dirigida a Gloria Pires no *meme*, onde o suposto teste está, inequivocamente, fazendo referência direta à sua *performance* no programa (via foto). De forma que não há dúvida de que o que contribui para a construção do sentido crítico e humorístico deste *meme* é o diálogo verbo-



imagético aí articulado, em função do simulacro que se cria com a mudança de *topos*: a hábil realocação da foto (real) da atriz num outro contexto (fictício).

Na medida em que, no enquadramento imitativo da tela televisiva, a imagem da atriz aparece posicionada no mesmo lugar tradicionalmente destinado, pelo programa Show do Milhão (à do candidato ao prêmio durante sua reflexão sobre a pergunta-desafio), tudo se passa como se a atriz fosse flagrada em tal papel. Trata-se, pois, da criação de uma falsa cena enunciativa (MAINGUENEAU, 2001). Por ser a atriz a enunciatária de uma pergunta que ocorreu numa cena real (a do Oscar 2016), mas que no *meme* é realocada numa cena fictícia (a do Show do Milhão, como se passasse a ocupar a falsa posição-sujeito de candidata ao prêmio de um jogo que não mais existe), Glória Pires é, pois, o referente visado pelos dêiticos *você* e *eu* que ocorrem nos enunciados verbais do falso teste de múltipla escolha. Tanto que poderíamos parafraseá-los, pleonasticamente por aposto, da seguinte forma: ***O que você, Glória Pires, achou do filme que venceu a primeira categoria do Oscar 2016? Eu, Glória Pires, gostei. Eu, Glória Pires, não assisti.***

No *meme*, o já-dito é editado sob uma nova configuração linguística: os comentários da atriz, quando questionada, são apresentados juntos, formando uma sequência pergunta-respostas (como no Show do Milhão). Estão, portanto, travestidos de alternativas, como se tratasse de um suposto teste, a fim de que se criem novos efeitos de sentido. Ocorre que tal configuração linguística “teste de múltipla escolha” recupera, na memória dos internautas brasileiros, uma cena validada que desempenha importante papel na captação e no convencimento do leitor do *meme*: o conhecido jogo de Silvío Santos, o que aparece formalmente reforçado pelas imagens alusivas ao programa.

Trata-se, neste caso, do que Maingueneau denomina “cilada da cenografia”. Por conta do diálogo entre o novo arranjo linguístico e as imagens, o que eram comentários a propósito do Oscar (cena real) se transforma em teste de múltipla escolha no Show do Milhão (cena fictícia). As respostas da atriz ficam, então, realocadas no plano cenográfico e, uma vez realizada a

metamorfose de um gênero discursivo em outro, o enunciador, mascarado de suposto Silvio Santos, esconde sua verdadeira face, a de postador de *memes*.

Assim travestida, a imagem da atriz também ganha um novo sentido: não é mais a Glória Pires comentarista no Oscar 2016, mas a Glorinha candidata acuada diante de perguntas desafiadoras no programa Show do Milhão. Eis o interdiscurso que viabiliza a emergência, via materialidade linguística (verbo-imagética), do sentido crítico à sua postura (tímida? mal informada? confusa?). Essa é a essência da imitação que se processa no *meme* e que possibilita a produção do humor, a ponto de virar febre na *internet*.

Importa, portanto, frisar a importância de considerarmos a forte conexão entre verbo e imagem que se estabelece no plano semiótico do texto, para a construção de sentidos. A imagem, no *meme*, não é redundante, nem pode ser abstraída, sem que haja prejuízo semântico. E a AL não pode fechar os olhos para essa questão fundamental relativa a textos multissemióticos desse tipo.

### 3. Conclusão: só que não...

Nossas reflexões visam apenas traçar algumas provocações sobre o assunto e lançar novas questões ao debate sobre a AL em contexto multimodal atual. Queremos chamar a atenção para a importância de se encontrarem balizas que norteiem o trabalho docente com textos que não se restrinjam ao verbal. De modo que as questões teórico-metodológicas que ora propomos poderiam ser assim expressas: Como a *análise linguística* pensada por Geraldí, adotada pelos documentos oficiais de ensino e revisitada por pesquisadores da Linguística Aplicada pode dar conta, com suas categorias, do acirrado diálogo verbo-imagético característico dos textos típicos da cibercultura? É possível postular a existência daquilo que poderíamos chamar de *análise linguística* @?

### Referências

ARAÚJO, Denise Lino de; SOUZA, Isabelle Guedes da Silva. Concepções teórico-metodológicas da análise linguística em estágio docente: transição do discurso para a ação. **Entreletras**, Araguaína - TO, v. 5, n. 2, p. 138-156, 2014. Disponível em:

<<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/1326/138>>. Acesso em: 30 maio. 2019.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística, afinal, a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013 .

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; SIEBENEICHER, K. (Orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2011. p. 137-152.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. e col. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.

DUTRA, Camilla Maria Martins. Concepções de análise linguística das alunas estagiárias do curso de Letras da UFCG. **Anais do SILEL**. V. 3, No. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013\\_332.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_332.pdf)>. Acesso em: 30 maio. 2019.

GERALDI, João. Wanderley. Unidades básicas do ensino de português. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1997. p.49-69. Primeira edição: 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médico: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 199-226.

PERFEITO, Alba Maria. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: SANTOS, A. R.; RITTER, L. C. B. (Orgs.). **Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa**. Maringá: EDUEM, 2005. v. 1., p. 27-79 (Formação de professores EaD, 18).

ROHLING, Nivea; REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. Concepções de análise linguística na formação inicial de professor de Língua Portuguesa. **Fórum Linguístico: revista de Linguística**, v. 12, n 3, 2015, p. 827-843. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2015v12n3p827>>. Acesso em: 30 maio. 2019.